

SARAH  
MACLEAN

SERÁ QUE O AMOR  
SEGUE SEMPRE  
AS SUAS REGRAS?

UM MARQUÊS  
IRRESISTÍVEL

TOP  
SELER

PRÊMIO MELHOR ROMANCE HISTÓRICO



*Quatro escândalos murmurados  
nos salões de baile de Londres.*

*Quatro aristocratas exilados da sociedade,  
agora reis do submundo de Londres.*

*Quatro amores, suficientemente  
poderosos para dominar as trevas...*

*e fazer com que estes anjos caídos  
voltem a ver a luz.*



*Este é o Livro I*

*Para a Meghan,  
a minha irmã para o que importa.*

# Bourne

## Londres, inverno de 1821

Oito de ouros arruinou-o. Se tivesse sido um seis, poderia ter-se salvo. Se fosse o sete teria saído dali com o triplo do que apostara.

Mas fora o oito.

O jovem Marquês de Bourne viu a carta voar por cima do pano verde antes de cair ao lado do sete de paus que se encontrava visível sobre a mesa, a troçar dele. Fechou os olhos, a sala estava a ficar sem ar com uma insuperável rapidez.

*Vingt-et-deux.*

Mais um do que o *vingt-et-un* em que apostara.

Em que apostara tudo.

Ouviu-se na sala uma exclamação abafada quando ele deteve o movimento da carta com a ponta do dedo — como se os presentes observassem o desenrolar dos terríveis acontecimentos com o prazer de quem tivesse escapado por pouco à própria morte.

Começou então o alarido.

— Ele apostou tudo?

— Tudo o que não está vinculado ao título.

— É jovem demais para ser prudente.

— Tem idade suficiente; nada como isto para fazer crescer um homem.

— Ele perdeu mesmo tudo?

— Perdeu tudo.

— Tudo.

Abriu os olhos e concentrou-se no homem sentado do outro lado da mesa, enfrentando o olhar frio e cinzento que conhecia de toda a vida. O Visconde

Langford fora amigo e vizinho de seu pai, e escolhido pelo anterior Marquês de Bourne como tutor do seu único filho e herdeiro. Depois da morte dos seus pais, fora Langford quem se ocupara do marquesado de Bourne, decuplicando os seus ativos e garantindo-lhe a prosperidade.

E agora apoderara-se de tudo.

Vizinho, talvez. Amigo, nunca.

A traição abrasava o jovem marquês.

— Fê-lo de propósito. — Pela primeira vez nos seus 21 anos, ouviu o tom inocente da sua voz e odiou-o.

Não havia a mínima emoção no rosto do seu adversário quando recolheu a promissória do centro da mesa. Bourne resistiu ao desejo de se encolher ao ver a sua arrogante assinatura sobre a folha branca — prova de que perdera tudo.

— A decisão foi tua. A decisão de apostares mais do que estavas disposto a perder.

Fora enganado. Langford pressionara-o uma e outra vez, insistindo cada vez mais, deixando-o ganhar até ele não imaginar que poderia perder. Era uma tática muito antiga, mas Bourne era demasiado jovem para se aperceber. Deixara-se levar pela ansiedade. Ergueu os olhos com a frustração e a raiva a conterem-lhe as palavras.

— E decidi ganhar.

— Sem mim, não haveria nada para ganhar — disse o homem mais velho.

— Pai... — Thomas Alles, filho do visconde e amigo íntimo de Bourne avançou. — Não faça isso — pediu em voz trémula.

Langford dobrou lentamente a promissória e levantou-se da mesa, sem fazer caso do filho. Lançou a Bourne um olhar frio.

— Deverias agradecer-me por te ensinar esta valiosa lição enquanto ainda és jovem. Infelizmente ficas apenas com a roupa do corpo e um solar vazio.

O visconde lançou um olhar ao monte de moedas sobre a mesa — o resto dos seus ganhos dessa noite.

— Deixo-te esse dinheiro, que tal? Um presente de despedida, se quiseres. Afinal, o que diria o teu pai se te deixasse sem nada?

Bourne levantou-se de um salto, fazendo cair a cadeira.

— Não permito que fale do meu pai.

Langford ergueu uma sobranceira diante daquela descontrolada exibição e deixou que o silêncio reinasse por um longo momento.

— Sabes, creio que afinal vou levar o dinheiro. E deixarás de ser membro deste clube. Já é tempo de te ires embora.

Bourne sentiu as faces em chamas ao ouvir aquelas palavras. Clube, terras, criados, roupa, tudo. Tudo menos uma casa, uns hectares de terra e um título.

Um título agora caído em desgraça.

O visconde curvou os lábios num sorriso trocista e lançou um guinéu a Bourke; este apanhou instintivamente a moeda de ouro, que cintilou sob as luzes brilhantes da sala de jogo do White.

— Gasta-a com prudência, rapaz. É a última que verás.

— Pai — tentou de novo Tommy.

Langford voltou-se para ele.

— Nem mais uma palavra. Não permito que implores em seu favor.

O melhor amigo de Bourne olhou-o com tristeza, erguendo as mãos em sinal de desespero. Tommy precisava do pai. Precisava do dinheiro e do apoio dele.

*Algo que Bourne deixara de ter.*

O ódio ressurgiu por breves momentos, mais brilhante e ardente, mas Bourne apagou-o com firme determinação. Guardou a moeda no bolso e voltou as costas aos seus iguais, ao seu clube, ao seu mundo e à vida que sempre conhecera.

E jurou vingança.

# Capítulo 1

## Início de janeiro de 1831

**N**ão se moveu quando ouviu a porta do aposento privado a abrir-se e a fechar-se.

Deixou-se ficar na escuridão, a sua silhueta recortada no vidro colorido que dava para a sala principal do clube de jogo mais famoso de Londres. Lá de baixo, a janela parecia ser nada mais do que uma espantosa obra de arte — um enorme vitral da queda de Lúcifer. Em tons brilhantes, o enorme anjo, seis vezes o tamanho de um homem, caía num profundo fosso, expulso pelos Exércitos Celestes para os cantos mais obscuros de Londres.

*O Anjo Caído.*

Uma recordação, não só do nome do clube, mas do risco que os que entravam corriam ao depositar as suas apostas sobre a mesa de jogo, quando lançavam o dado de marfim ou observavam a roleta girar numa névoa de cor e tentação.

E quando O Anjo ganhava, como era costume, o vitral lembrava aos que perdiam quão baixo haviam caído.

O olhar de Bourne poisou sobre uma mesa, no outro extremo da sala, onde se jogava piquete.

— O Croix quer aumentar a sua linha de crédito.

O encarregado não se moveu de onde estava, junto à porta do gabinete do proprietário.

— Sim.

— Deve mais do que alguma vez poderá pagar.

— Sim.

Bourne voltou a cabeça e procurou o olhar sombrio do seu empregado de confiança.

— Que oferece ele para cobrir o aumento da linha de crédito?

— Oitenta hectares de terreno no País de Gales.

Bourne olhou o cavalheiro em questão, que suava e estremecia nervosamente enquanto esperava pelo veredito.

— Aumentem-lhe o crédito. Quando perder, mandem-no embora. E neguem-lhe o acesso ao clube.

As suas decisões raramente eram questionadas e nunca pelos funcionários d'O Anjo. O outro homem dirigiu-se à porta tão silenciosamente como entrara.

— Justin — chamou-o Bourne antes que saísse.

Silêncio.

— As propriedades primeiro.

O estalo da porta era a única indicação de que o encarregado ali estivera.

Segundos depois, Justin voltava a aparecer no andar de baixo e Bourne observou o sinal que este fazia ao *croupier*. Ficou a ver como as cartas eram distribuídas e como o conde perdia. Mais uma vez.

E outra.

E mais outra.

Havia quem não compreendesse.

Aqueles que nunca jogavam — ou sentido a emoção de ganhar — que não haviam negociado consigo próprios mais uma rodada, mais uma mão, mais um tiro — *até chegar aos cem, aos mil, aos dez mil...*

Os que nunca haviam conhecido a sensação eufórica e sem paralelo de saber que a mesa estava a arder, que a noite era deles, que com uma única carta, tudo poderia mudar.

Nunca entenderiam o que mantinha o Conde de Croix sentado na sua cadeira, apostando repetidas vezes, rápido como um raio até perder tudo.

*Bourne entendia.*

Justin aproximou-se de Croix e falou discretamente ao ouvido do homem arruinado. O aristocrata pôs-se de pé, a cambalear, franzindo a testa enquanto a ofensa e o embaraço o empurravam na direção do encarregado.

*É um erro.*

Bourne não ouvia o que diziam, mas não precisava. Ouvira-o centenas de vezes — vira como uma longa lista de homens perdera, primeiro o dinheiro e depois a calma, com O Anjo. Com ele.

Viu que Justin avançava com as mãos erguidas num gesto universal de cautela. Viu moverem-se os lábios do encarregado, tentando, em vão,

estabelecer a calma. Viu como os outros jogadores se apercebiam do desentendimento e como Temple, o corpulento sócio de Bourne, se acercava, desejoso de chegar a vias de facto.

Só então Bourne mudou de posição, aproximando-se da parede e carregando num interruptor que pôs em funcionamento uma combinação de pesos e roldanas encarregada de acionar uma pequena campainha por baixo da mesa de piquete, para chamar a atenção do *croupier*. Servia para o avisar de que Temple não deveria chegar a vias de facto nessa noite.

*Bourne encarregar-se-ia do assunto.*

O *croupier* deteve a força bruta de Temple com uma palavra e um aceno em direção à parede de vitral de onde Bourne e Lúcifer observavam, ambos dispostos a enfrentar o que se avizinhava.

Os olhos negros de Temple cravaram-se no vidro e acenou com a cabeça antes de conduzir Croix por entre a multidão.

Bourne desceu do seu gabinete para ir ter com eles a uma pequena antecâmara afastada do andar principal do clube. Croix praguejava como um marinheiro das docas e quando Bourne abriu a porta e entrou, voltou-se para ele com um olhar de ódio.

— Seu canalha. Não pode fazer-me uma coisa destas. Não pode ficar com o que é meu.

Bourne encostou-se à pesada porta de carvalho com os braços cruzados.

— O senhor cavou a sua sepultura, Croix. Vá para casa. Dê-se por feliz que eu não lhe fique com mais.

Croix atravessou o pequeno aposento, sem pensar no que fazia, mas Bourne moveu-se com uma agilidade inesperada, para agarrar um dos braços do conde e torcer-lho até o imobilizar, empurrando-lhe o rosto de encontro à porta. Sacudiu-o duas vezes antes de falar.

— Pense muito bem no que vai fazer a seguir. Creio que não me sinto tão magnânimo como há uns minutos.

— Quero ver o Chase. — As palavras arrastadas foram pronunciadas de encontro à madeira da porta.

— Está a ver-nos a nós.

— Sou membro d'O Anjo desde o início. Deve-me isso. *Ele* deve-me isso.

— Pelo contrário, é *você* que *nos* deve.

— Dei bastante dinheiro a este lugar...

— Foi muito generoso da sua parte. Quer que peça o livro das contas para ver quanto deve ainda? — Croix ficou em silêncio. — Ah! Vejo que começa a compreender. Agora a propriedade é nossa. Envie-nos amanhã de manhã o seu advogado com a escritura ou eu próprio irei buscá-la. Entendeu? —

Bourne não esperou pela resposta, recuou um passo e largou o conde.  
— Desapareça.

Croix voltou-se para o enfrentar, com o pânico estampado no rosto.

— Fique com as terras, Bourne. Mas permita-me voltar ao clube. Estou prestes a casar; o dote dela cobrirá todas as perdas e até mais. Não me impeça de cá vir.

Bourne odiou aquela súplica lacrimante, a ansiedade subjacente às palavras do conde. Sabia que Croix não resistia à tentação de apostar. À tentação de ganhar.

Se Bourne sentisse alguma compaixão, lamentaria a pobre noiva que tudo ignorava.

Mas a compaixão não era um atributo seu.

Croix voltou os olhos para Temple.

— Temple, por favor.

Uma das sobrancelhas negras de Temple ergueu-se enquanto cruzava os braços fortes diante do peito largo.

— Com um dote tão generoso tenho a certeza de que outros clubes de jogo de boa vontade lhe darão as boas-vindas.

E fá-lo-iam certamente. Os clubes ilegais — cheios de assassinos e bato-teiros — receberiam aquele inseto e a sua terrível sorte de braços abertos.

— Ao diabo esses clubes — cuspiu Croix. — Que pensarão as pessoas? Pagarei o dobro... o triplo. Ela está cheia de dinheiro.

Bourne orgulhava-se de ser um homem de negócios.

— Se casar com essa jovem e pagar as suas dívidas com os devidos juros, voltaremos a recebê-lo no clube.

— E o que é que eu faço até lá? — o tom plangente do conde tornava-se desagradável.

— Pode experimentar a temperança — sugeriu Temple como que por acaso.

O alívio fez Croix cometer uma estupidez.

— Falar é fácil. Todos sabem o que fez.

— A que se refere? — Temple ficara muito sério e falou em tom de ameaça.

O terror retirou toda a inteligência dos instintos do conde que tentou desferir um soco em Temple, mas este aparou o golpe, agarrou o punho com a sua mão enorme e empurrou-o para trás.

— A que se refere? — repetiu.

O conde começou a choramingar como um bebé.

— N... nada. Desculpe. Não quis dizer nada. Por favor, não me magoe. Por favor, não me mate. Vou-me embora. Já. Juro. Por favor... n... não me mate.

Temple suspirou.

— Não vale a pena perder a minha energia consigo. — E libertou o conde.

— Saia — ordenou Bourne. — Antes que eu decida que *vale* a pena perder a minha.

O conde fugiu da sala.

Bourne ficou a vê-lo antes de endireitar o colete e a casaca.

— Pensei que se borrasse quando o agarraste.

— Não seria o primeiro. — Temple sentou-se numa cadeira baixa e estendeu as pernas, cruzando as botas nos tornozelos. — Perguntava a mim próprio quanto tempo demorarias.

Bourne puxou o punho de linho, para que o tecido branco saísse exatamente um centímetro por baixo da manga da casaca, antes de voltar a dar atenção a Temple, fingindo não entender a dúvida do outro.

— A fazer o quê?

— A recuperares a perfeição do teu vestuário — Temple esboçou um sorriso trocista. — Pareces uma mulher.

Bourne lançou um olhar de censura ao homem enorme.

— Uma mulher com um extraordinário gancho direito.

O sorriso abriu-se ainda mais, fazendo destacar o nariz de Temple partido em três sítios.

— Francamente, não estarás a sugerir que me podes bater numa luta, pois não?

Bourne observava o estado da sua gravata num espelho próximo.

— Estou a sugerir exatamente isso.

— Posso convidar-te para o ringue?

— Quando quiseres.

— Ninguém se vai meter no ringue. E muito menos com o Temple. — Bourne e Temple voltaram-se para o lugar de onde provinham estas palavras, uma porta escondida no outro extremo do aposento, onde Chase, o terceiro sócio d'O Anjo Caído, os observava.

Temple riu-se ao ouvi-lo e voltou-se para enfrentar Bourne.

— Estás a ver? O Chase sabe perfeitamente que não és rival para mim.

Chase serviu um copo de uísque de um frasco que se encontrava sobre um aparador.

— Nada tem a ver com o Bourne. Tu tens a constituição de uma fortaleza de pedra. Não há rival digno de ti. Exceto eu, claro — concluiu em tom irónico.

Temple recostou-se na cadeira.

— A qualquer momento que desejes bater-te comigo no ringue, Chase, diz, que arranjo uma hora na minha agenda.

Chase voltou-se para Bourne.

— Depenaste o Croix.

Bourne atravessou a sala.

— Foi como tirar doces a um bebé.

— Cinco anos neste negócio e continuo surpreendido com estes homens e as suas fraquezas.

— Não são fraquezas, são doenças. O desejo de ganhar é uma febre.

Chase ergueu as sobrancelhas ao escutar a metáfora.

— O Temple tem razão. Pareces mesmo uma mulher.

Temple pôs-se de pé e soltou uma gargalhada do alto do seu metro e noventa.

— Tenho de voltar à sala de jogo.

Chase ficou a ver Temple atravessar a sala e dirigir-se à porta.

— Já não tiveste a tua briga da noite?

Ele abanou a cabeça.

— O Bourne arrancou-ma da mão.

— A noite ainda não acabou.

— Um homem não perde a esperança. — Temple saiu da sala fechando firmemente a porta atrás de si e Chase serviu outro uísque e levou-o a Bourne, que olhava o lume ensimesmado. Aceitou-o e tomou um grande gole do licor dourado, disfrutando do ardor que lhe causava na garganta.

— Tenho notícias para ti. — Bourne voltou a cabeça à espera. — Notícias de Langford.

As palavras ecoaram-lhe na mente. Havia nove anos que esperava por aquele preciso momento, pelas palavras que Chase tinha para lhe dizer. Havia nove anos que esperava ter notícias do homem que o despojara do seu passado e direitos de nascimento.

Da sua história.

*De tudo.*

Langford arrebatará-lhe tudo naquela noite, todas as terras, fundos, tudo, exceto uma casa senhorial vazia e meia dúzia de hectares de terra no centro de uma propriedade maior — Falconwell. Quando viu como tudo se esfumava, Bourne não compreendera os motivos do velho — não entendera o prazer de converter uma propriedade numa coisa viva e próspera. Não compreendera como o incomodara entregar tudo a um rapazola.

Agora, uma década depois, não se importava.

Queria vingar-se.

A vingança por que esperara.

Foram precisos nove anos, mas Bourne reconstruíra a sua fortuna — duplicara-a. O dinheiro da sociedade n'O Anjo, ao mesmo tempo que outros investimentos lucrativos, deram-lhe a oportunidade de construir um património digno de rivalizar com os mais extravagantes de Inglaterra.

Mas nunca pudera recuperar o que perdera. Langford mantivera tudo com avareza, negando-se a vender, por muito que lhe oferecessem, por muito poder que tivesse quem queria comprar. E recebeu ofertas de homens muito poderosos.

*Até então.*

— Conta.

— É complicado.

Bourne voltou-se para o lume.

— É sempre. — Mas não lhe fora preciso tanto trabalho para recuperar a sua fortuna e as terras no País de Gales, na Escócia, em Devonshire e em Londres.

Fizera-o por Falconwell.

Mais de 400 hectares de terra exuberante, coberta de verde — o orgulho do marquesado de Bourne. A terra que o seu pai, avô e bisavô haviam acumulado em redor da casa senhorial e que passara de marquês para marquês.

— O quê? — Viu a resposta nos olhos de Chase, antes que este falasse e soltou um impropério em surdina.

— O que fez ele com a terra?

Chase hesitou.

— Se me é impossível recuperá-la, mato-o.

*Como o deveria ter feito anos atrás.*

— Bourne...

— Não — interrompeu-o erguendo a mão com violência. — Esperei nove anos por isto. Tirou-me tudo. *Tudo*. Não fazes ideia.

O olhar de Chase cruzou-se com o seu.

— Claro que faço ideia.

Bourne deteve-se ao ouvir aquelas palavras. Eram verdadeiras. Fora Chase que o ajudara naqueles momentos desgraçados. Chase que o acolhera, o limpou, lhe dera trabalho. Fora Chase que o salvara.

*Ou que, pelo menos, tentara salvá-lo.*

— Bourne — arriscou Chase, cauteloso. — Ele não as manteve.

— Como não as manteve? — inquiriu enquanto um frio tremor se apossava de si.

— Langford já não é o dono dessas terras em Surrey.

Bourne abanou a cabeça como que para compreender melhor.

— Quem é agora o dono?

— O Marquês de Needham e Dolby.

Uma antiga recordação surgiu ao ouvir o nome — um homem corpulento, de espingarda na mão, marchando por um campo lamacento em Surrey, seguido por uma fila de meninas, da maior à mais pequena, a mais velha das quais tinha os olhos azuis mais sérios que alguma vez vira.

Seus vizinhos de infância, a terceira família da santíssima trindade da nobreza de Surrey.

— O Needham tem as minhas terras? Como as conseguiu?

— Ironicamente, a jogar às cartas.

Bourne não achou a mínima graça. De facto, a ideia de que Falconwell fora casualmente e de novo apostada e perdida às cartas enervava-o.

— Trá-lo cá. O jogo de Needham é o *écarté*. Falconwell voltará para mim.

Chase recostou-se na cadeira, surpreendido.

— Vais apostar?

A resposta de Bourne foi instantânea.

— Farei o que for necessário para a reaver.

— *O que* for necessário?

Bourne ficou imediatamente desconfiado.

— Sabes alguma coisa que eu não saiba?

Chase ergueu as sobrancelhas.

— O que te leva a pensar numa coisa dessas?

— Sabes sempre mais do que eu. E adoras.

— Limito-me a dar mais atenção às coisas.

Bourne rangeu os dentes.

— O que quer que seja...

O fundador d'O Anjo Caído fingiu interessar-se por uma mancha que tinha na manga.

— As terras que antigamente faziam parte de Falconwell...

— As *minhas* terras.

Chase ignorou a interrupção.

— Não podes recuperá-las sem mais nem menos.

— Porque não?

Chase hesitou.

— Foram acrescentadas a... outra coisa.

Bourne foi invadido por uma onda de ódio gelado. Esperara uma década por aquilo — pelo momento em que por fim juntaria Falconwell Manor às suas terras.

— Acrescentadas a quê?

— A *quem*, mais precisamente.

— Não estou com disposição para enigmas.

— Needham anunciou que as antigas terras de Falconwell deverão ser incluídas no dote da filha mais velha.

Bourne estremeceu de surpresa.

— Penelope?

— Conheces a senhora?

— Há anos que não a vejo... quase vinte.

Dezasseis. A jovem estivera presente no dia em que ele abandonara Surrey pela última vez, depois do funeral dos pais, com 15 anos e enviado para um novo mundo sem família. Vira-o subir para a carruagem e os seus sérios olhos azuis não se desviaram um único instante, enquanto o veículo se afastava no longo caminho que saía de Falconwell e descrevia a curva para a estrada principal.

Bourne sabia porque também ficara a olhá-la.

Porque ela fora sempre sua amiga.

*Quando ele ainda acreditava nos amigos.*

Penelope era também a filha mais velha de um duplo marquês, com mais dinheiro do que um homem seria capaz de gastar durante toda vida. Não havia razão para estar ainda solteira. Deveria ter casado e estar já a criar uma ninhada de jovens aristocratas.

— Porque precisa a Penelope de Falconwell no seu dote? — fez uma pausa. — Porque não casou ainda?

Chase suspirou.

— Seria interessante que um de vocês se interessasse pelo que acontece na alta sociedade em vez de se preocuparem apenas com meia dúzia de membros do nosso clube.

— Essa *meia dúzia de membros* comporta mais de quinhentos homens. Todos eles com um registo do tamanho do meu polegar, cheio de informações, graças aos teus sócios.

— Ainda assim, tenho mais que fazer do que passar a noite a dar-te lições sobre as coisas que se passam no mundo em que nasceste.

Bourne semicerrou os olhos. Não sabia que Chase tivesse com quem passar as noites.

— Que coisas?

Chase ignorou a pergunta e sorveu mais um pouco de uísque.

— Lady Penelope foi protagonista do noivado da temporada há uns anos atrás.

— E então?

— O compromisso foi anulado porque o noivo casou com outra, por amor. Tratava-se de um acontecimento vulgar, que tinha lugar inúmeras vezes, mas, mesmo assim, Bourne sentira uma emoção pouco habitual ao pensar que a jovem, que tão bem recordava, fora magoada pela quebra de um compromisso.

— Por amor? — troçou. — Provavelmente encontrou outra mais bonita ou mais rica. E então?

— Segundo me disseram, desde então, tem recebido propostas de vários pretendentes. Mesmo assim, continua solteira. — Chase parecia perder o interesse na história, porque soltou um suspiro de aparente enfado. — E não creio que continue nesse estado por muito tempo com Falconwell a engordar o prémio. A tentação atrairá ainda mais pretendentes.

— Vão querer ficar com a propriedade para eu não a poder comprar.

— Provavelmente. Sabes que não encabeças a lista dos pretendentes mais solicitados.

— Nem sequer faço parte dela. Mesmo assim, vou consegui-la.

— E estás disposto a fazer o que for preciso para a teres? — Chase parecia divertido.

O significado daquelas palavras não escapou a Bourne.

Passou-lhe pelo espírito a imagem da jovem e bondosa Penelope, o oposto do que ele era. Ou daquilo em que se transformara.

Afastou-a da mente. Esperara nove anos por aquele momento. Pela possibilidade de recuperar o que fora construído para ele.

O que lhe fora deixado.

O que perdera.

Faria os possíveis para o recuperar. E nada lhe impediria o caminho.

— O que for preciso — Bourne levantou-se e endireitou a casaca. — Se vier também uma esposa, que assim seja.

Fechou a porta com força atrás de si.

Chase ergueu o copo, formulando um brinde na sala vazia.

— Parabéns!

## Capítulo 2

*Querido M*

*Tens de voltar para casa. Isto é terrivelmente aborrecido sem ti; nem a Vitória nem a Valerie são boas companhias para ir ao lago.*

*Tens a certeza de que precisas de frequentar essa escola? A minha precetora parece ser muito inteligente. Tenho a certeza de que pode ensinar-te tudo o que precisas.*

*Tua P*

Needham Manor, setembro de 1813



*Querida P*

*Receio que tenhas de te aborrecer até ao Natal. Se te serve de consolação, nem sequer há por aqui um lago. Sugiro que ensines as gémeas a pescar.*

*Claro que tenho de frequentar a escola... a tua precetora não gosta de mim.*

*M*

Eton College, setembro de 1813

### **Surrey, fins de janeiro de 1831**

Lady Penelope Marbury, de nobre nascimento e bem-educada, sabia que deveria sentir-se muito grata naquela gélida tarde de janeiro quando, com 28 anos, recebeu a sua quinta (e provavelmente última) proposta de casamento.

Tinha a certeza de que metade de Londres pensava não ser exagero se fosse ela a ajoelhar-se diante do Honorável Sr. Thomas Alles e agradecer-lhe, a ele e ao Criador, a muito amável e generosa proposta. Afinal, o cavalheiro em questão era simpático e bem-parecido, tinha os dentes todos e uma farta cabeleira — uma rara combinação para uma mulher não muito jovem, com um compromisso quebrado e um passado com poucos pretendentes.

Sabia também que o pai, que sem dúvida já previamente dera o consentimento para aquele compromisso — pensou enquanto olhava para o alto da bela cabeça de Thomas —, gostava dele. O Marquês de Needham e Dolby gostava «desse tal Tommy Alles» desde o dia em que, vinte e tal anos atrás o rapaz arregaçara as mangas, ajoelhara no chão dos estábulos da casa onde então vivia, e ajudara ao parto de uma das cadelas de caça preferidas do marquês.

A partir desse dia, considerara Tommy um bom rapaz.

O rapaz que Penelope sempre pensara que o pai gostaria que fosse seu filho. Se, claro, tivesse tido um filho em vez de cinco filhas.

E depois havia o facto de que Tommy seria um dia visconde — e muito rico. Coisa que a mãe de Penelope estaria sem dúvida a pensar atrás da porta da salinha, de onde assistia à cena com um desespero silencioso.

*A cavalo dado não se olha o dente, Penelope.*

Penelope sabia-o.

E foi por isso que quando olhou nos olhos aquele rapaz, agora um homem, que conhecia de toda a vida, aquele seu querido amigo, se apercebeu de que aquela era sem sombra de dúvida a mais generosa proposta de casamento que alguma vez receberia e que a deveria aceitar. Imediatamente.

Mas não o fez.

— Porquê? — perguntou ela.

O silêncio que se seguiu a estas palavras foi acentuado por um dramático «Mas o que está ela a fazer?» vindo detrás da porta e Tommy levantou-se com um olhar divertido e até um pouco surpreendido.

— Porque não? — replicou, instantes depois em tom amigável. — Somos amigos de toda a vida, gostamos da companhia um do outro; eu preciso de uma mulher, tu precisas de um marido.

Não se podia dizer que fossem as razões mais importantes para um casamento. Mesmo assim...

— Há nove anos que estou nesta situação, Tommy. Tiveste muito tempo para te declarares.

Tommy teve a delicadeza de pôr um ar triste antes de sorrir, parecendo quase um pequeno cão de água.

— É verdade. E não tenho outra desculpa para ter esperado tanto tempo senão... bom, estou encantado por te dizer que assentei a cabeça, Pen.

Ela devolveu-lhe o sorriso.

— Que tolice. Nunca assentarás a cabeça. Porquê eu, Tommy? — insistiu. — Porquê agora?

Quando ele se riu da pergunta não o fez da habitual forma sincera e divertida. Foi um riso nervoso, como sempre fazia quando não queria responder.

— É tempo de assentar — disse antes de inclinar a cabeça para o lado e esboçar um enorme sorriso. — Então Pen — continuou —, vamos a isto?

Penelope recebera quatro propostas anteriores e imaginara inúmeras outras de todas as maneiras e feitios, desde a gloriosa e dramática interrupção de um baile a uma maravilhosa declaração privada num pequeno pavilhão de jardim no meio do verão de Surrey. Imaginara juras de amor e paixão eterna, uma profusão de peónias, a sua flor favorita, mantas espalhadas num campo de malmequeres silvestres, o gosto acre do champanhe na língua quando todos em Londres erguessem os copos à sua felicidade. A sensação dos braços do seu noivo rodeando-a depois de se lançar neles com um suspiro. *Sim... Sim!*

Tudo fantasias, sabia-o bem — cada uma mais impossível do que a anterior. Afinal, uma solteirona de 28 anos não passava precisamente os dias a espantar pretendentes.

Mas tinha a certeza de que poderia aspirar a algo mais do que *Vamos a isto?*

Soltou um pequeno suspiro, sem querer desiludir Tommy, que estava certamente a fazer o melhor que podia. Mas havia uma eternidade que eram amigos e Penelope não queria encher essa amizade de mentiras.

— Estás com pena de mim, não é verdade?

Ele abriu os olhos de espanto.

— O quê? Não! Como podes pensar uma coisa dessas?

Ela sorriu.

— Porque é verdade. Tens pena da tua pobre amiga solteirona. E estás disposto a sacrificar a tua felicidade para que eu me case.

Ele lançou-lhe um olhar exasperado — o olhar que apenas um amigo muito querido poderia lançar a outro — e ergueu as mãos dela nas suas, beijando-lhe os nós dos dedos.

— Que disparate. Já é altura de me casar, Pen. És uma boa amiga. — Fez uma pausa, com uma expressão desgostosa e simpática que tornava impossível alguém aborrecer-se com ele. — Fiz isto muito mal, não é verdade?

Ela não pôde deixar de sorrir.

— Um pouco. Deverias ter jurado amor eterno.

— Com a mão no coração e tudo o mais? — perguntou, desconfiado.

Ela sorriu abertamente.

— Precisamente. E talvez escreveres-me um soneto.

— *Oh bela Penelope minha paixão... por favor sede dona do meu coração?*

Penelope riu. Tommy fazia-a sempre rir. Era uma das suas virtudes.

— Uma pobre tentativa, senhor.

Ele fingiu uma careta de irritação.

— E se eu criasse uma nova raça de cães e lhes chamasse Lady P?

— Seria sem dúvida muito romântico — disse ela. — Mas levaria muito tempo, não achas?

Fez-se uma longa pausa em que disfrutaram da companhia um do outro antes de ele romper o silêncio.

— Por favor, Pen — pediu-lhe muito sério. — Deixa-me proteger-te.

Era uma estranha escolha de palavras, mas Tommy fracassara em todas as outras partes do processo de um pedido de casamento, por isso ela não se deteve a analisá-las.

Considerou então seriamente a oferta.

Tommy era o seu amigo mais antigo, pelo menos um deles.

*O que não a abandonara.*

Fazia-a rir e gostava muito dele. Era o único homem que não desertara completamente após a catastrófica rutura do seu noivado. Certamente bastava isso para o recomendar.

Diria que sim.

*Diz, Penelope.*

Passaria a ser Lady Thomas Alles, 28 anos e salva mesmo a tempo de um eterno estado de solteirona.

*Di-lo: Sim, Tommy. Caso contigo. Foste muito simpático em pedir.*

*Devia fazê-lo.*

Mas não o fez.



*Querido M*

*A minha precetora não gosta de enguias. Sem dúvida tem conhecimentos suficientes para saber que o simples facto de teres chegado com uma não faz de ti uma pessoa má. Má é a ação, não quem a pratica.*

*Tua P*

Needham Manor, setembro de 1813

Post Scriptum: *o Tommy veio fazer uma visita a semana passada e fomos pescar. É oficialmente o meu melhor amigo.*



Querida P

*Tudo isso me parece um sermão do Vigário Crompton. Estiveste com atenção na igreja. Estou desiludido.*

M

Eton College, setembro de 1813

Post Scriptum: *Não é, não.*

O som da grande porta de carvalho a fechar-se nas costas de Thomas ecoava ainda no vestíbulo de Needham Manor quando a mãe de Penelope apareceu no patamar do primeiro andar, um lance de escadas acima de onde ela se encontrava.

— Penelope! O que fez a menina? — Lady Needham desceu a toda a pressa a larga escadaria central da casa, seguida das outras filhas Olivia e Philippa e três dos cães de caça do marido.

Penelope respirou fundo e voltou-se para a mãe.

— Foi um dia muito tranquilo — declarou como se nada fosse, dirigindo-se à sala de jantar, sabendo que a mãe a seguiria. — Escrevi uma carta à prima Catherine; sabia que ela continua com a mesma horrível constipação que arranjou antes do Natal.

Pippa soltou uma gargalhada. Lady Needham não achou graça.

— Não quero saber absolutamente nada acerca da sua prima Catherine! — disse a marquesa erguendo a voz num tom proporcional à sua ansiedade.

— É uma maldade da sua parte, ninguém gosta de estar constipado. — Penelope empurrou a porta da sala de jantar para dar com o pai já sentado à mesa, ainda em fato de caça, lendo calmamente o *Post* enquanto aguardava o contingente feminino da casa.

— Boa tarde, Papá. Teve um bom dia?

— Está um frio dos diabos lá fora — declarou o Marquês de Needham e Dolby sem erguer os olhos do jornal. — Creio que já me apetece jantar. Qualquer coisa quente.

Penelope pensou que talvez o pai não estivesse preparado para o que se avizinhava durante aquela refeição, mas limitou-se a enxotar o *beagle* de cima da cadeira para se sentar no lugar do costume, à esquerda do marquês e em frente às irmãs, ambas de olhos muito abertos, cheias de curiosidade pelo que se passaria a seguir. Penelope fingiu-se inocente e desdobrou o guardanapo.

— Penelope! — Lady Needham entrou na sala de jantar, empertigada, de punhos cerrados, confundindo os criados que a olhavam, imóveis, sem saber se haveriam ou não de servir o jantar. — O Thomas *declarou-se!*

— Sim. Estive presente nesse momento — afirmou Penelope.

Nessa altura, Pippa ergueu o copo de água para que a mãe não lhe visse o sorriso.

— Needham! — Lady Needham decidira que precisava de apoio adicional. — O Thomas declarou-se à Penelope!

Lorde Needham baixou o jornal.

— Ah, sim? Sempre gostei do Thomas Alles. — Voltou-se para a filha mais velha. — Está tudo bem, Penelope?

Penelope respirou fundo.

— Nem por isso, Papá.

— Ela não aceitou! — O tom agudo de Lady Needham seria apropriado apenas para o luto mais desconsolado ou para um coro grego. Porém, teve como resultado que os cães começassem a ladrar.

Depois dela e dos cães terminarem os seus ganidos, Lady Needham aproximou-se da mesa, a pele incrivelmente manchada como se tivesse tocado em ervas venenosas.

— Penelope! Propostas de casamento de jovens ricos e decentes não crescem nas árvores!

*E principalmente em janeiro. Isso nunca.* Penelope sabia que não devia dizer o que estava a pensar.

Quando um criado avançou para servir a sopa, que daria início à refeição da noite, Lady Needham deixou-se cair na cadeira.

— Leva isso daqui! Quem pode comer numa altura destas?

— Pois eu tenho muita fome — declarou Olivia e Penelope engoliu um sorriso.

— Needham!

O marquês suspirou e voltou-se para Penelope.

— Recusaste-o?

— Não exatamente — respondeu Penelope, evasiva.

— Ela *não* o aceitou! — exclamou Lady Needham.

— Porque não?

A pergunta tinha razão de ser. Certamente todos os que se encontravam à mesa gostariam de conhecer a resposta. Até Penelope.

Porém, não tinha uma resposta adequada.

— Quero pensar na proposta.

— Não seas tonta. Aceita — aconselhou Lorde Needham, como se as coisas fossem assim tão simples, e acenou ao criado para que servisse a sopa.

— Talvez a Penny não *deseje* aceitar a proposta do Tommy — sugeriu Pippa e Penelope teve vontade de dar um beijo à irmã mais nova pela sua resposta tão lógica.

— Não se trata de desejar ou não — disse Lady Needham. — Trata-se de vender quando há comprador.

— Que ideia encantadora — disse Penelope secamente, fazendo os possíveis por manter o ânimo.

— É verdade, Penelope. E Thomas Alles é o único cavalheiro que parece disposto a comprar.

— Gostaria que pudéssemos pensar numa metáfora melhor do que comprar e vender — disse Penelope. — E, para dizer a verdade, creio que quer casar comigo tanto como eu quero casar com ele. Penso que está apenas a ser bondoso.

— Não está apenas a ser bondoso — disse Lorde Needham, mas antes que Penelope pudesse refutar tal opinião, Lady Needham tomava a palavra.

— Não se trata de *querer* casar, Penelope. Já há muito que a menina passou por essa fase. *Tem* de se casar! E o Thomas estava disposto a casar-se consigo! Há *quatro anos* que a menina não recebe uma proposta, ou já se esqueceu?

— Tinha-me esquecido, Mamã. Obrigada por me fazer lembrar.

Lady Needham levantou o nariz.

— Parece-me que pretende ser espirituosa.

Olivia ergueu as sobrancelhas como se fosse impossível a irmã mais velha poder divertir-se com o assunto. Ocultou a vontade de defender o sentido de humor de Penelope, pois gostava de pensar que ela o conservava intacto.

Claro que ela não se esquecera. Era mesmo um facto difícil de esquecer, tendo em conta as vezes que a mãe a recordava do seu estado civil. Penelope surpreendia-se que a marquesa não soubesse o número de dias e horas decorridos desde a proposta em questão.

— Não quero fazer humor, Mamã — suspirou. — Simplesmente... não tenho a certeza de me querer casar com o Thomas. Ou, francamente, com qualquer outro homem que não esteja certo de querer casar *comigo*.

— Penelope! — vociferou a mãe. — Os *seus desejos* não são importantes nesta questão.

*Claro que não eram. Não era assim que os casamentos funcionavam.*

— A sério? Mas que ridículo! — Fez-se uma pausa enquanto a marquesa se recompunha e tentava encontrar palavras.

— Penelope... não há mais *ninguém!* Já procurámos! O que será da menina? — Deixou-se cair com elegância na cadeira, levando a mão à testa num gesto dramático, de que qualquer atriz de teatro em Londres se sentiria orgulhosa. — Quem a *quererá?*

Era uma boa pergunta que Penelope deveria ter tido mais em consideração antes de revelar incerteza acerca do seu futuro conjugal. Mas só *decidira* fazer aquela declaração no momento em que de facto a fizera.

E agora parecia-lhe a melhor decisão que tomara em muito tempo.

A questão era que Penelope tivera muitas oportunidades de que a «quissem» nos últimos nove anos. Em determinada ocasião fora mesmo o objeto das conversas da alta sociedade — atraente, bem comportada, bem-falante, bem-educada, perfeitamente... perfeita.

Estivera até noiva. De um cavalheiro tão perfeito como ela.

Sim. Fora a união perfeita, exceto que o pretendente estava perfeitamente apaixonado por outra pessoa.

O escândalo facilitara a Penelope pôr fim ao compromisso sem ser abandonada. Pelo menos, *literalmente*.

Não exatamente *abandonada*. *Surpreendida*, isso sim.

E de um modo pouco agradável.

*Mas não o diria à mãe.*

— Penelope! — A marquesa endireitou-se de novo, lançando um olhar angustiado à filha mais velha. — Responda-me! Se não for o Thomas, *quem* será? Quem pensa que a *poderá querer?*

— Parece que terei de me querer a mim mesma.

Olivia soltou uma exclamação sufocada. Pippa fez uma pausa, com a colher de sopa a meio caminho da boca.

— Oh! Oh! — A marquesa desfaleceu de novo. — Não pode estar a falar *a sério*. Não seja *ridícula!* — A voz de Lady Needham tremia de pânico e irritação. — A menina não tem estofos de *solteirona!* Oh, nem quero pensar! *Solteirona!*

Penelope pensou que as solteironas eram afinal feitas de um estofos mais forte do que o dela, mas absteve-se de dizer tal coisa à mãe, que parecia prestes a cair da cadeira num estado do mais completo desespero.

A marquesa insistiu.

— E eu? Não nasci para ser mãe de uma solteirona! O que irão *pensar*? O que irão *dizer*?

Penelope já tinha ideia do que já pensavam. Do que já diziam.

— Houve um tempo, Penelope, em que a menina ia ser exatamente o contrário do que é agora! E eu ia ser mãe de uma *duquesa*!

E pronto. O espectro que surgia ameaçador entre ela e a mãe.

*Duquesa.*

Penelope perguntava a si própria se a mãe alguma vez lhe perdoaria a dissolução do noivado... como se tivesse sido sua a culpa. Respirou fundo e tentou falar num tom razoável.

— O Duque de Leighton estava apaixonado por outra mulher, Mamã...

— *Por um escândalo ambulante!*

*A quem ele ama loucamente.* Mesmo agora, oito anos depois, Penelope sentia uma pontada de inveja... não por causa do duque, mas pela emoção. Afastou a ideia.

— Escândalo ou não, a senhora é a Duquesa de Leighton. Um título que, devo acrescentar, mantém há oito anos. Durante esse tempo deu à luz o futuro duque de Leighton e presenteou o marido com mais três filhos.

— O marido que deveria ter sido seu! E os filhos também!

Penelope suspirou.

— Que queria que eu tivesse feito?

— Ora! — gritou a marquesa. — A menina podia ter mostrado mais empenho! Podia ter aceitado as propostas que lhe foram feitas depois da do duque. — Recostou-se de novo na cadeira. — Foram quatro! Dois condes — enumerou-as como se Penelope tivesse esquecido as propostas de casamento —, depois o George Hayes! E agora o *Thomas*! Um futuro visconde! Até eu *aceitava* um futuro visconde!

— Que magnânima, Mamã.

Penelope recostou-se na cadeira. Imaginou que a mãe tivesse alguma razão. Deus era testemunha de que fora educada para procurar marido com afinco — bom, com todo o afinco que poderia dedicar a essa tarefa sem parecer desesperada.

Mas nos últimos anos, não o fizera de coração. Nem por isso. No primeiro ano após a quebra do compromisso era fácil dizer a si própria que não se preocupava com o casamento por estar envolvida nesse escândalo e ninguém mostrar interesse nela como potencial noiva.

Depois surgiram várias propostas, todas de homens com motivos ocultos, ansiosos por desposarem a filha do Marquês de Needham e Dolby, talvez para impulsionarem as suas carreiras políticas ou o seu futuro financeiro

e o marquês não colocou qualquer obstáculo quando Penelope declinou delicadamente esses pedidos.

Não quis saber do motivo da recusa.

Não lhe ocorrera que a filha pudesse ter recusado ao aperceber-se de como seriam aqueles casamentos — porque vira como o Duque de Leighton olhara amorosamente para os olhos da sua duquesa. Vira que era possível esperar algo mais de um casamento, se tivesse, pelo menos, tempo de o encontrar.

Porém durante todo esse tempo em que disse a si própria que esperava mais, perdeu a sua oportunidade. Ficara velha, feia, marcada...

E nesse dia, quando Tommy — um querido amigo, mas pouco mais — se oferecera para passar o resto da vida com ela, apesar do mais completo desinteresse de ambos pelo casamento... não conseguira aceitar.

Não conseguira arruinar-lhe a possibilidade de encontrar algo mais.

Por muito desastroso que isso fosse para ela.

— Oh! — começou de novo a lamentação. — Pense nas suas irmãs! Que será *delas*?

Penelope olhou para as irmãs, que observavam a conversa como se se tratasse de um jogo de badmington. *As irmãs ficariam bem.*

— A sociedade terá de se conformar com as irmãs Marbury, mais jovens e mais bonitas. Tendo em conta que as outras duas já estão casadas, e que uma é condessa e a outra baronesa, tudo me leva a pensar que não há qualquer problema.

— Graças a Deus pelos excelentes casamentos que as gémeas fizeram.

*Excelentes* não seria precisamente a descrição que Penelope faria dos casamentos de Victoria e Valerie — feitos pelo título e pelo dote e por pouco mais. Porém, os maridos eram relativamente inócuos e, pelo menos, discretos nas suas atividades fora do leito conjugal, por isso Penelope não se preocupava.

Mesmo assim, a mãe voltava ao ataque.

— E o seu *pobre pai*? Já se esqueceu que ele foi castigado com uma casa cheia de filhas? Seria diferente se a menina fosse um rapaz, Penelope. Mas ele está positivamente doente *de preocupação* por sua causa!

Penelope voltou-se para o pai que molhava um bocado de pão na sopa de marisco para o dar ao grande cão-d'água preto que se sentara à sua esquerda, a olhá-lo com a língua rosada pendendo do canto da boca. Nem o homem nem o animal pareciam particularmente doentes de preocupação.

— Mamã, eu...

— E a Philippa! Lorde Castleton mostrou interesse nela. O que irá *acontecer* à Philippa?

— O que irá *acontecer* à Philippa? — Penelope mostrava-se confusa.

— Precisamente! — Lady Nedham acenou com o guardanapo de linho de um modo dramático. — *O que irá acontecer à Philippa?*

Penelope suspirou e voltou-se para a irmã.

— Pippa, pensas que o facto de ter recusado a proposta de casamento do Tommy irá afetar a corte que te faz Lorde Castleton?

Pippa abanou a cabeça, com os olhos muito abertos.

— Não creio que isso aconteça. E se acontecer, francamente não ficarei arrasada. O Castleton é pouco... bom, pouco interessante.

Penelope teria usado a expressão *pouco inteligente*, mas permitiu que Pippa fosse mais delicada.

— Não seja tola, Philippa — disse a marquesa. — Lorde Castleton é *conde*. A cavalo dado não se olha o dente.

Penelope rangeu os dentes ao ouvir de novo o provérbio preferido da mãe, quando se referia às probabilidades das filhas solteiras arranjam noivo. Pippa fitou a mãe com os seus enormes olhos azuis.

— Não sabia que precisava que me dessem um cavalo.

— Claro que precisa. Precisam todas. Até Victoria e Valeria. O escândalo não *desaparece* de um momento para o outro.

Penelope apercebeu-se das palavras, mesmo sem que elas fossem pronunciadas. *Penelope arruinou as vossas oportunidades.*

Sentiu-se invadida por uma onda de remorso que tentou ignorar, por saber que não deveria sentir-se culpada. Por saber que não tinha a mínima culpa.

*Mas poderia ter tido.*

Afastou o pensamento. Não tinha. Ele amava outra mulher.

*Mas porque não a teria amado a ela?*

Era uma pergunta que fizera a si própria várias vezes durante o inverno em que ali estivera recolhida, lendo acerca do escândalo nas revistas e sabendo que o duque escolhera uma mulher mais bela, encantadora e excitante. Sabendo que ele era feliz e que ela fora... rejeitada.

Não o amara. Nem tinha grande opinião acerca dele.

Mas, mesmo assim, ficara magoada.

— Não *faço* tenções de aceitar o primeiro que me apareça — disse Olivia entrando na conversa. — É a minha segunda temporada, sou bela e encantadora e tenho um dote avultado. Suficientemente avultado para que nenhum homem o despreze.

— Oh, sim! Não há dúvida de que és encantadora — concordou Pippa e Penelope baixou os olhos para o prato para esconder o sorriso.

Olivia apercebeu-se do sarcasmo.

— Riam-se à vontade, mas eu sei aquilo que valho. Não vou deixar que me aconteça o mesmo que aconteceu à Penelope. Vou caçar um verdadeiro aristocrata.

— Um ótimo plano, minha filha — Lady Needham sorriu orgulhosa. Olivia também sorriu.

— Ainda bem que aprendi contigo, Penny.

Penelope teve de se defender.

— Não o afugentei, Olivia. O papá terminou o noivado por causa do escândalo da irmã do Leighton.

— Que disparate. Se o Leighton te quisesse, teria lutado por ti, com escândalo ou sem ele — disse a irmã, apertando os lábios com ar de ingênua. — Mas não. Isto é, não te queria. Embora me pareça que também não tenha lutado por ti. Imagino que não o tenha feito por não te teres esforçado por mantê-lo interessado.

Sendo a mais nova, Olivia nunca pensava que as suas palavras demasiado francas pudessem ferir. E era o que agora se passava. Penelope mordeu a língua, resistindo à vontade que tinha de gritar, *ele amava outra mulher!* Pois sabia que seria em vão. Os noivados quebrados eram sempre culpa da mulher. Mesmo quando a mulher em questão era uma irmã mais velha.

— Sim! Oh, Olivia, só uma temporada e a menina já é tão astuta, minha querida — chilreou Lady Needham, para logo gemer —, e não se esqueça dos outros.

Todos pareciam esquecer que ela não desejava casar-se com os outros. Porém, Penelope continuava a pensar que devia defender-se.

— Se bem se lembram, recebi uma proposta de casamento esta tarde.

Olivia fez um gesto depreciativo com a mão.

— Uma proposta do *Tommy*. Não é uma proposta a sério. Só alguém muito tolo pensaria que ele a fez por *querer* casar contigo.

Podia-se sempre contar com Olivia para dizer a verdade.

— Afinal para que é que ele a pediu em casamento? — interrompeu Pippa, sem ter intenção de a ofender, disse Penelope estava certa. Afinal, ela própria fizera a pergunta a si própria e a Tommy havia menos de uma hora.

Gostaria de dizer, *Porque ele me ama*.

Bem, o que não era exatamente verdade. Gostaria de dizer aquelas palavras, mas não a respeito de Tommy.

E fora por essa razão que não aceitara.

Em todos aqueles anos, nunca se imaginara casada com Tommy.

*Nunca fora o homem com quem sonhara.*

— Não importa *porque* pediu — retorquiou Lady Needham. — O que importa é que estava disposto a casar-se com a Penelope! Disposto a dar-lhe uma casa e um nome e a cuidar dela como o vosso pai tem feito durante todos estes anos. — Olhou friamente para Penelope. — Penelope, tem de *pensar*, minha querida! Que acontecerá quando o seu pai morrer?

Lorde Needham ergueu os olhos do faisão.

— Como disse?

Lady Needham agitou uma mão no ar, como se não tivesse de levar em conta os sentimentos do marido.

— O seu pai não vai durar sempre, Penelope! E *depois*?

Penelope não imaginava por que razão seria aquilo tão relevante.

— Depois, imagino que ficaremos muito tristes.

Lady Needham abanou a cabeça frustrada.

— Penelope!

— Mamã, francamente, não faço ideia onde quer chegar.

— Quem tomará conta da menina quando o seu pai morrer?

— O papá vai morrer em breve?

— Não — disse o pai.

— Nunca se sabe! — interveio a marquesa com as lágrimas nos olhos.

— Ora, por amor de... — Lorde Needham estava farto. — Não estou a morrer. E sinto-me bastante ofendido por lhe ter ocorrido semelhante ideia. — Voltou-se para Penelope. — E tu, vais casar!

Penelope endireitou os ombros.

— Não estamos na Idade Média, Papá. Não pode obrigar-me a casar com quem não desejo.

Os direitos das mulheres pouco importavam a Lorde Needham.

— Tenho cinco filhas e nenhum filho e não vou permitir que uma sequer fique solteira e sem recursos enquanto o idiota do meu sobrinho delapida a minha fortuna. — Abanou a cabeça. — Vais casar, Penelope, e casar bem. E é tempo de te deixares de empatar e de aceites um pretendente.

Penelope abriu muito os olhos.

— O Papá acha que tenho empatado?

— Penelope, que linguagem.

— Para falar verdade, Mamã, foi o Papá que usou primeiro a palavra.

— Isso é irrelevante! Meninas, não vos eduquei para que falásseis como vulgares... vulgares... sabeis como é.

— Claro que tens empatado. Passaram oito anos desde aquela história do Leighton. És filha de um homem com dois títulos de marquês e podre de rico.

— Needham! Não seja vulgar!

Lorde Needham olhou para o teto a implorar paciência.

— Não sei porque esperas, mas sei há demasiado tempo que consinto na tua atitude, ignorando o facto de que a história do Leighton projete uma sombra sobre todas vós. — Penelope olhou para as duas irmãs que poissavam os olhos no colo. O remorso invadia-a enquanto o pai continuava. — Acabou. Tens de casar esta temporada, Penny.

Penelope tentava engolir o nó que se lhe formara na garganta.

— Mas... nestes quatro anos apenas o Tommy me propôs casamento.

— Tommy foi apenas o primeiro. Agora vão aparecer mais pretendentes. Conhecia bem aquela expressão de certeza absoluta que lera nos olhos do pai para saber que ele tinha razão.

Olhou-o nos olhos.

— Porquê?

— Porque acrescentei Falconwell ao teu dote.

Disse-o do mesmo modo que faria um comentário como, *Está frio*, ou *O peixe precisa de sal*. Como se todos os presentes aceitassem as suas palavras como uma verdade absoluta. Como se quatro cabeças não se tivessem voltado para ele, com os olhos abertos e os queixos caídos.

— Oh! Needham! — Lady Needham pareceu desfalecer mais uma vez.

Penelope não afastou os olhos do pai.

— Como disse, Papá?

Uma recordação assomou-lhe ao espírito. Um rapaz risonho, de cabelo escuro, agarrado ao ramo de um enorme salgueiro, estendendo o braço para que Penelope se juntasse a ele naquele esconderijo.

O terceiro do trio.

*Falconwell pertencia a Michael.*

Embora não lhe pertencesse na última década, sempre assim o considerara. Não lhe parecia certo que agora fosse seu. Toda aquela maravilhosa terra exuberante, tudo, menos a casa e os terrenos circundantes, a herança inalienável.

O património de Michael.

Era seu.

— Como consegui Falconwell?

— Não importa — respondeu o marquês, sem tirar os olhos do prato. — Não posso deixar que continues a arriscar o sucesso das tuas irmãs no mercado de casamento. Precisas de casar. Não serás uma solteirona para o resto dos teus dias. Falconwell há de ser a garantia disso. E já o é. Se não te agrada o Tommy, já recebi meia dúzia de cartas de homens interessados vindos de toda a Inglaterra.

Os homens que queriam Falconwell.

*Deixa-me proteger-te.*

As estranhas palavras pronunciadas por Tommy faziam agora sentido. Ele pedira-a em casamento para a afastar da confusão das propostas que surgiriam por causa do dote. Pedira-a porque era seu amigo.

E pedira-a por Falconwell. Havia uma pequena parcela de terreno pertencente ao Visconde Langford no outro extremo de Falconwell. Um dia seria de Tommy e, se ela casasse com ele, poderia acrescentar-lhe Falconwell.

— Claro! — exclamou Olivia. — Está explicado!

*Ele não lhe dissera.*

Penelope sabia que ele não tinha o menor interesse em casar-se com ela, mas a prova disso não era particularmente agradável. Concentrou-se no pai.

— O meu dote é público?

— Evidentemente que é público. De que me serviria triplicar o valor do dote de uma filha sem o tornar público?

Penelope revolveu o puré de nabo com o garfo, desejando estar bem longe daquela mesa.

— Não ponhas essa cara tão infeliz — pediu-lhe o pai. — Agradece ao destino poderes arranjar marido. Com Falconwell no teu dote, podes conseguir um príncipe.

— Estou cansada de príncipes, Papá.

— *Penelope!* Ninguém se *cansa de príncipes!* — exclamou a mãe.

— Gostaria de conhecer um príncipe — declarou Olivia, mastigando pensativamente. — Se a Penelope não quiser Falconwell, não me importava nada que fizesse parte do meu dote.

Penelope fitou a irmã mais nova.

— Sim. Imagino que sim, Olivia. Mas duvido que o necessites.

Tal como Penelope, Olivia tinha cabelo louro, tez pálida e olhos azuis, mas em vez de ser como ela, semelhante à água morna, Olivia era surpreendentemente bela, o tipo de mulher a quem bastaria estalar os dedos para ter os homens a seus pés.

E o pior é que ela o sabia.

— Tu necessitas dele *sim*. Sobretudo agora — disse Lorde Needham pragmático, antes de se voltar para Penny. — Houve tempos em que eras suficientemente jovem para captar a atenção de um homem decente, mas já não é assim.

Penelope desejou que uma das irmãs entrasse na contenda para a defender. Para protestar contra as palavras do pai. Para dizer, *Talvez Penelope não o necessite. Surgirá um homem maravilhoso para se apaixonar por ela. À primeira vista, obviamente.*

Ignorou a sensação de tristeza que lhe provocou a silenciosa aceitação das palavras. Penelope leu a verdade no olhar do pai. A certeza. E sabia, sem sombra de dúvida, que casaria segundo a vontade do pai, como se estivessem ainda na Idade Média e ele repartisse pequenas partes do seu feudo.

Porém, não repartia nada que lhe pertencesse.

— Como é possível que Falconwell pertença agora ao Marquês de Needham e Dolby?

— Não deves preocupar-te com isso.

— Mas preocupo-me — insistiu Penelope. — Como o conseguiu, Papá? O Michael sabe?

— Não faço ideia — declarou o marquês, erguendo o copo de vinho. — Mas imagino que seja uma questão de tempo até que se inteire.

— Quem sabe o que o Michael sabe — troçou a mãe. — Há anos que as pessoas que pertencem à sociedade *educada* não sabem o que é feito do Marquês de Bourne.

*Desde que desapareceu por causa do escândalo. Desde que perdeu tudo para o pai do Tommy.*

Penelope abanou a cabeça.

— Tentou devolver-lhe a propriedade, Papá?

— Penelope! Não seja ingrata — gorjeou a marquesa. — A junção de Falconwell ao seu dote é um maravilhoso exemplo da generosidade do Papá!

*Um exemplo do desejo do pai se ver livre de uma filha problemática.*

— Não o quero.

Soube que mentia assim que pronunciou as palavras. Claro que queria. As terras de Falconwell eram viçosas, vibrantes e cheias de recordações da sua juventude.

*Recordações de Michael.*

Havia anos que não o via — era ainda criança quando ele saíra de Falconwell e pouco mais que isso quando o escândalo se convertera no tema preferido dos aristocratas de Londres e dos criados de Surrey. Agora, apenas ouvia falar dele em fragmentos de conversas de mulheres de sociedade mais experientes. Segundo ouvira a um grupo de damas especialmente loquazes, estava em Londres onde administrava um clube de jogo. Porém, nunca perguntara onde era, parecendo saber por instinto que damas como ela não frequentavam o local onde Michael aterrara depois de cair em desgraça.

— Não tens escolha, Penelope. É meu e em breve será do teu marido. Aparecerão cavalheiros de toda a Inglaterra atraídos pelo teu dote. Casa-te com o Tommy ou com qualquer outro. O que preferires, mas quero-te casada

no final da temporada — inclinou-se na cadeira e entrelaçou os dedos sobre o ventre proeminente. — Um dia agradecer-me-ás.

*Quero-te casada no final da temporada.*

— Porque não o devolveu ao Michael?

Needham suspirou, atirando com o guardanapo e levantando-se da mesa para pôr fim à conversa.

— Para começar, foi descuidado com o seu património — disse antes de sair da sala com Lady Needham a pisar-lhe os calcanhares.

Tinham passado talvez dezasseis anos desde que o vira pela última vez, mas em parte ainda considerava Michael Lawler, Marquês de Bourne um amigo muito querido e não gostou do modo como o pai falou, referindo-se a ele como se não tivesse valor ou importância.

Mas também não conhecia Michael — Michael, o homem. Quando se permitia pensar nele, mais vezes do que gostaria de admitir, não o via como o jovem de 21 anos que tudo perdera num jogo de azar idiota.

Não. Nos seus pensamentos, Michael continuava a ser o seu amigo de infância — o primeiro que alguma vez fizera — que aos 12 anos a arrastava pela paisagem lamacenta numa aventura após outra, rindo em momentos inoportunos, até ela não poder resistir a rir também. Que sujava os joelhos nos campos molhados que se estendiam entre as casas e lhe lançava pedrinhas à janela nas manhãs de verão, antes de ir pescar no lago entre as terras dos Needham e dos Bourne.

Provavelmente esse lago fazia agora parte do seu dote.

Michael teria de pedir autorização para pescar ali.

*Teria de pedir autorização ao seu marido para pescar ali.*

A ideia seria ridícula se não fosse tão... estranha.

E ninguém parecia reparar.

Penelope ergueu os olhos, olhando primeiro para Pippa do outro lado da mesa, com os enormes olhos azuis pestanejando por trás dos óculos, depois para Olivia, que a observava com... alívio?

— Confesso que me custava aceitar a ideia de ter uma irmã que nada conseguisse no mercado do casamento — declarou Olivia ao ver o olhar interrogador de Penelope. — Será muito melhor para mim.

— Ainda bem que alguém fica satisfeito com os acontecimentos do dia — retorquiu Penelope.

— Ora, Penny — insistiu Olivia. — Tens de admitir que o teu casamento nos vai ajudar. Foste em parte culpada que Victoria e Valerie aceitassem aqueles maridos velhos e enfadonhos.

*Parecia que tinha planeado as coisas assim.*

— Olivia! — disse Pippa em voz baixa. — Isso não é muito bonito.

— Ora essa! A Penny sabe que é verdade.

*Saberia?*

Olhou para Pippa.

— Tornei as coisas difíceis para ti?

— De modo algum — declarou ela vagamente. — O Castleton escreveu ao Papá na semana passada dizendo que pensava cortejar-me a sério, embora nunca tenha sido a mais popular das debutantes.

Era um eufemismo. Pippa era uma erudita, concentrada nas ciências e fascinada pelos interiores das coisas vivas, plantas ou pessoas. Uma vez roubara um ganso da cozinha e dissecava-o no quarto. Tudo correria bem até uma criada entrar, descobrir Pippa com as mãos metidas nas entranhas da ave e desatar aos gritos como se se tivesse deparado com a cena de um crime.

Pippa fora duramente repreendida e a criada voltara a fazer os trabalhos mais inferiores da casa senhorial.

— Deviam chamar-lhe Lorde Simplório — disse Olivia com a franqueza habitual.

Pippa riu.

— Deixa-te disso. É bastante simpático e gosta de cães. — Olhou para Penelope. — Tal com o Tommy.

— Foi a isto que chegámos? Escolhemos os nossos potenciais maridos porque gostam de cães? — perguntou Olivia.

Pippa limitou-se a encolher os ombros.

— É assim. Gostar de cães é mais do que têm em comum muitos casais da alta sociedade.

*Ela tinha razão.*

Mas não deveria ser assim. Jovens bonitas e com a educação das suas irmãs deveriam escolher maridos baseando-se em algo mais do que o apreço canino. Deveriam ser as preferidas da alta sociedade, com todos os homens a seus pés para as conquistarem.

Mas tal não acontecia por causa de Penelope, que, ironicamente, fora a mais que preferida da sociedade — a noiva escolhida pelo Duque de Leighton, homem de mais que impecável comportamento e ascendência.

Depois da rutura do compromisso numa perfeita tempestade de jovens com a reputação arruinada, filhos ilegítimos e um casamento por amor, Penelope, tragicamente para as suas irmãs, perdera o seu estatuto. A alta sociedade considerava-a então uma boa amiga, depois uma simpática conhecida e, mais recentemente, uma convidada sempre bem-vinda.

Não era bonita, não era inteligente, não era senão a filha mais velha de um aristocrata importante e muito rico. Nascida e criada para ser a mulher de um igualmente importante e rico aristocrata.

E quase o fora.

Até tudo ter mudado.

Incluindo as suas expetativas.

Infelizmente não bastavam as expetativas para conseguir bons casamentos. Nem para ela nem para as irmãs. E tal como não fora justo ter de sofrer por causa da rutura de um noivado havia quase dez anos, também não era justo que as irmãs sofressem por causa disso.

— Nunca foi minha intenção dificultar-vos a escolha de marido — disse em voz baixa.

— Então tens sorte por poderes retificar a situação — declarou Olivia, obviamente pouco interessada nos sentimentos da irmã mais velha. — Afinal as *tuas* possibilidades de encontrar um marido de qualidade podem ser poucas, mas as minhas são muito boas. Seriam melhores se estivesse casada com um futuro visconde.

A sensação de culpa foi mais intensa e Penelope voltou-se para Pippa que as observava com cautela.

— Estás de acordo, Pippa?

A irmã inclinou a cabeça, refletindo nas suas opções para por fim concluir:

— Mal não fazia, Penny.

*Pelo menos, para ti não*, pensou Penelope, invadida por uma onda de melancolia, ao pensar que teria de aceitar a proposta de Tommy.

Para o bem das irmãs.

Afinal poderia ser muito pior. Talvez a seu tempo acabasse por amá-lo.



*Querido M*

*Celebrou-se a Noite de Guy Fawkes em Coldharbour e todo o clã Marbury assistiu à impressionante exibição. Tive de te escrever, pois fiquei perturbada ao descobrir que nenhum jovem estava disposto a subir ao monte de lenha para roubar o chapéu do senhor Fawkes.*

*Talvez no Natal possas ensinar-lhes umas coisas.*

*A tua fiel amiga, P*

Needham Manor, novembro de 1813



*Querida P*

*Não precisam de mim para lhes ensinar. Afinal, tu serias perfeitamente capaz de roubar esse chapéu velho. Ou já te terás convertido numa dama? Vou a casa no Natal. Se te portares bem, levo-te um presente.*

M

Eton College, novembro de 1813

Nessa noite, quando toda a casa dormia, Penelope colocou a sua capa mais quente, foi buscar o regalo e um candeeiro da sua secretária, para ir passear pelas suas terras.

Bom, não seriam precisamente as suas terras. A terra fazia parte do seu dote. As terras que Tommy e alguns jovens e bem-parecidos pretendentes aceitariam em troca de arrancar Penelope à família e casar com ela.

*Que romântico.*

Passara muitos anos à espera de mais. Acreditando — mesmo dizendo a si própria que não o fizesse — que poderia ter essa sorte. Que poderia encontrar mais qualquer coisa, mais *alguém*.

Não. Não pensaria em tal.

Principalmente agora que se via obrigada a ceder ao tipo de casamento que sempre quisera evitar. Não tinha a mínima dúvida de que o pai estava disposto a casar a filha mais velha nessa mesma temporada — com Tommy ou com qualquer outra pessoa. Penelope pensou nos homens solteiros desesperados para se casar com uma mulher de 28 anos com um compromisso quebrado no seu passado. Nenhum dos que se lembrava parecia vir a ser um marido apeteçível.

*Um marido que pudesse amar.*

Por isso, era Tommy.

Seria Tommy.

Abrigou-se do frio, protegendo o rosto com a capa e puxando o capuz para a testa. Sabia que as senhoras da sua classe não passeavam pela calada da noite, mas todo o Surrey estava adormecido e o vizinho mais próximo ficava a quilómetros de distância. Entretanto, o frio intenso parecia corresponder à sua intensa irritação provocada pelos acontecimentos do dia.

Não era justo que um compromisso quebrado num passado distante provocasse tantos problemas no presente. Seria lógico que, oito anos depois,

Londres tivesse esquecido o lendário outono de 1823, porém, Penelope parecia assombrada pelo que lhe acontecera. Continuava a haver murmúrios nos salões de baile, nos salões das damas, os leques estremeciam como asas de colibri, escondendo conversas em surdina, das quais Penelope de vez em quando captava um ou outro fragmento — especulações murmuradas acerca do que teria feito para o duque ter perdido o interesse, ou porque se julgaria superior para se dar ao luxo de recusar todas as outras propostas.

Claro que não se julgava superior.

Só que tinha expectativas superiores em relação às promessas.

Em relação a uma vida conjugal mais plena do que a que fora preparada para esperar, em que o marido gostaria dela, mas não a amaria e um ou dois filhos que certamente a amariam, mas não a conheceriam.

Seria pedir muito?

Parecia que sim.

Subiu uma encosta coberta de neve, fazendo uma breve pausa ao chegar ao cimo para olhar para a escuridão do lago lá em baixo, o lago que marcava o limite entre as terras dos Needham e as dos Bourne... ou as que *haviam pertencido* aos Bourne. E enquanto ali estava a olhar para a escuridão, a pensar no futuro, apercebeu-se do pouco que desejava uma vida em tons pastel, com quadrilhas e limonadas mornas.

Queria mais.

A palavra percorreu em surdina os seus pensamentos numa onda de tristeza.

*Mais.*

Mais do que alguma vez teria.

Mais do que alguma vez deveria ter sonhado.

Não que sentisse levar uma existência infeliz. Levava uma vida luxuosa. Tinha uma boa casa, boa comida e não lhe faltava nada. Tinha uma família, em geral, tolerável e amigas com quem de vez em quando podia passar as tardes. E, se se casasse com Tommy, os seus dias não seriam muito diferentes.

Então porque se sentia tão triste só de pensar que teria de casar com ele?

Afinal, ele era bom, generoso, tinha sentido de humor e um sorriso afetuoso. Não era tão bonito que chamasse a atenção nem tão inteligente que a intimidasse.

Parecia possuir todas as características apropriadas.

Imaginou-se a pegar-lhe na mão e a permitir que ele a acompanhasse a um baile, ao teatro, a um jantar. Imaginou-se a dançar com ele. Imaginou-se a sentir a sua mão na dele.

*Era...*

*Era fria e húmida.*

Claro que não tinha razão para pensar que Tommy tivesse as mãos húmidas. Seguramente as mãos dele seriam secas e quentes. Mesmo assim, Penelope limpou a mão enluvada na saia. Os maridos não deveriam ter mãos fortes e firmes? Sobretudo nas fantasias?

Porque não as teria Tommy?

Era um bom amigo, por isso não seria muito simpático da sua parte imaginá-lo com as mãos frias e húmidas. Tommy merecia mais.

Respirou fundo, disfrutando do ar gélido, fechou os olhos e tentou de novo... Fez os possíveis por se imaginar como Lady Thomas Alles.

Sorriu amorosamente ao seu marido.

Ele retribuiu-lhe o sorriso.

— *Vamos a isto, Pen. Concordas?*

Penelope abriu os olhos.

*Raios.*

Desceu a colina em direção ao lago gelado.

Casaria com Tommy.

*Para seu bem.*

*Para bem das irmãs.*

Só que não lhe parecia tão bem. De modo algum.

Mesmo assim. Era o que faziam as filhas mais velhas de boas famílias.

*Faziam o que lhes mandavam.*

Mesmo que não quisessem.

Mesmo que quisessem mais.

E foi então que avistou uma luz ao longe, na copa das árvores, no outro extremo do lago.

Parou. Semicerrou os olhos para tentar ver na escuridão, ignorando o vento que lhe mordida as faces. Talvez tivesse imaginado. Talvez fosse o reflexo do luar na neve.

Uma possibilidade razoável, se o céu não estivesse coberto de nuvens.

A luz piscou de novo e Penelope soltou uma exclamação abafada, recuou um passo, observando com os olhos muito abertos como ela se movia rapidamente por entre as árvores.

Semicerrou os olhos mais uma vez, inclinando-se para a frente sem mover os pés, fixando-se no local onde a fraca luz amarela oscilava no bosque, como se uns centímetros pudessem permitir-lhe ver com mais clareza a fonte de onde partia.

— Está aí alguém... — murmurou, as palavras desvanecendo-se no silêncio frio.

Estava ali alguém.

Podia ser um criado, mas não lhe pareceu provável. Os criados de Nee-dham não tinham razão para andar junto ao lago na calada da noite e havia muitos anos que todos os serviçais tinham saído de Falconwell. Depois da sua partida, o recheio da propriedade fora retirado e a enorme estrutura de pedra ficara vazia e desprezada. Havia anos que ninguém entrava na casa.

*Penelope tinha de fazer alguma coisa.*

Podia ser qualquer coisa. Uma fogueira. Um intruso. *Um fantasma.*

Bom, provavelmente não um fantasma.

Mas era muito possível que fosse um curioso que em breve se converte-ria num intruso, pronto a invadir Falconwell. Se assim fosse, alguém teria de fazer alguma coisa. Afinal, os intrusos não podiam instalar-se na proprie-dade do Marquês de Bourne.

Se ele não tratava de proteger o seu património, provavelmente teria de ser Penelope a fazê-lo. Nesta ocasião tinha também interesse em Falconwell. Se a casa fosse tomada por piratas ou salteadores, o valor do seu dote dimi-nuiria certamente.

*Não que estivesse muito entusiasmada com a possibilidade de usar esse dote.*

Mesmo assim, era uma questão de princípios.

A luz brilhou de novo.

Não lhe parecia que houvesse por ali salteadores, a menos que estives-sem mal equipados de lanternas. E já que pensava no assunto, era pouco pro-vável que piratas ou salteadores planeassem estabelecer-se em Falconwell, com o mar tão longe dali.

*Porém...*

Alguém estava ali.

A questão era, quem seria.

E porquê.

Mas Penelope tinha a certeza de uma coisa. As filhas mais velhas de boas famílias não inspecionavam luzes estranhas a meio da noite.

Seria certamente demasiado aventureiro.

*Mais do que isso.*

E foi isso que a fez decidir-se.

Dissera que queria mais, pois aqui tinha mais.

O universo trabalhava de um modo maravilhoso, não era?

Respirou fundo, endireitou os ombros e avançou. Antes que se aper-cebesse da tolice dos seus atos, a emoção impulsionou-a para um enorme grupo de arbustos de azevinho junto ao lago.

Estava ao ar livre.

No meio da noite.

Ao frio.

Dirigia-se a uma horda de criaturas malvadas e duvidosas.

E ninguém sabia onde ela estava.

De repente, o casamento com Tommy não lhe pareceu assim tão mau.

Principalmente agora que talvez estivesse prestes a ser assassinada por piratas de terra.

Ouviu a neve ranger ali perto e deteve-se imediatamente, erguendo bem a lanterna e espreitando a escuridão, para lá do azevinho, em direção ao bosque onde divisara a luz.

Mas nada viu.

Nada senão neve a cair e uma sombra que facilmente seria a de um urso esfomeado.

— Que disparate — murmurou para consigo, e o som da sua voz reconfortou-a na escuridão. — Não há ursos em Surrey.

Mesmo assim, não ficou convencida e não ficou ali para descobrir se a sombra negra seria de facto um urso. Tinha coisas a fazer em casa. A primeira entre elas, aceitar a proposta de Tommy.

E depois passar mais tempo a bordar.

Só que, no preciso momento em que decidira dar meia-volta e voltar para casa, apareceu um homem entre as árvores com uma lanterna na mão.

«SARAH MACLEAN OFERECE-NOS UMA HISTÓRIA  
DE AMOR INESQUECÍVEL, UM ROMANCE PODEROSO,  
REPLETO DE PAIXÃO, QUE NOS SEDUZ  
DE FORMA PROFUNDA.»

*RT BOOK REVIEWS*

O Marquês de Bourne perdeu tudo o que tinha, com uma só carta: um oito de ouros. Apostou e perdeu a sua fortuna e terras numa única jogada e, com elas, a sua reputação. Bourne, nome pelo qual todos agora o conhecem, passou a ser um exilado da sociedade, transformando-se no frio e implacável dono do Anjo Caído, o clube de jogo mais famoso de Londres. Mas ele tudo fará para recuperar o que foi seu.

As terras de Bourne acabam por ir parar à posse de Penelope, uma sua paixão de infância. Penelope sofreu a humilhação de um noivado rompido, tendo sido trocada por outra mulher. Por isso deseja agora um casamento que não seja igual a todos os outros: um compromisso por conveniência.

Quando Bourne a rapta e a força a casar-se com ele para poder reaver as suas terras, Penelope aceita sem grandes dramas o desafio, pois Bourne é a senha de acesso aos prazeres desconhecidos por que Penelope anseia. Mas ao mesmo tempo o seu coração deseja que ele a ame, tal como ela o ama, secretamente. Será que Bourne vai conseguir ultrapassar as marcas e os fantasmas do passado e revelar a Penelope o que realmente sente? E estará Penelope à altura do submundo do vício e do pecado em que Bourne agora vive?



Veja o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

**TOP  
SEL  
LER**

os livros em primeiro lugar

20120 Editora

ISBN 978-989-707-008-2



9 789897 070082

Ficção Romântica